

# A CASA DA

CONTOS E POEMAS

# BRUXA

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR



VOL.VIII

SELO CONEXÃO  
LITERATURA

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante  
da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-02-09267-5**

**2026**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

GOSTOSAS TRAVESSURAS, POR BABI BORGHESE, PÁG. 05

DORA, POR AMILTON CONTÉ, PÁG. 09

A BRUXA QUE PLANTAVA LUZ, POR CÉLIA LOPES, PÁG. 11

LAGARTIXA FEITICEIRA, POR FLÁVIA FELIX, PÁG. 14

SORTILÉGIOS À BEIRA DO LAGO, POR GUILHERME HERNANDEZ FILHO,  
PÁG. 16

BRUXARIA, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 20

TERRA DO DESESPERO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 22

BRUXA INVISÍVEL, POR SELMA LUANNY, PÁG. 24

A RAINHA DA CASA DOS DOCES, POR SERGIO CORDEIRO, PÁG. 26

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 31



A CASA DA

BRUXA

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

VOL.VIII

SELO CONEXÃO  
LITERATURA





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# **GOSTOSAS TRAVESSURAS**

**POR BABI BORGHESE**

Babi Borghese é escritora, publicitária e jornalista. Publicou o romance histórico *Em nome do papa* pela Chiado Books (2021). Atualmente tem se dedicado a crônicas, com textos em antologias de 2025 - Prêmio OffFlip, Terra, Nós vol.3 e 50+, todas pela OffFlip, Poemar (Flor D'Cacau) e Brasília (Articule). Para 2026, além dos já lançados *Crônicas para boi nenhum dormir* (Aspas Duplas) e *Antes que o tempo passe* (Holandas), vai participar também de *Debaixo da árvore* (V&V), e *Vivências* (Articule), enquanto prepara livro próprio.

“Portaria ao meio-dia!” foi o código que acessei pelo grupo de vizinhos no zapp. É sempre assim: de uma hora para outra, alguém sugere descer a ladeira e escolher um dos vários bares da rua. Quem pode, pode; quem não pode, se sacode.

Dia das bruxas, pouca gente pode. Pais, mães, pães e mãis estão ocupados preparando a festança esperada todos os anos pelas crianças do condomínio. Como sempre, na cobertura da Adriana, logo cedo, os caldeirões fervem com Pele Seca de Crocodilo da Transilvânia (lâminas de batatinha frita), Coração de Morcego Fatiado (sanduichinhos de pão preto com patê de presunto), Cocô de Orc (brigadeiros gigantes) e Vômito de Ogro (doce de batata-doce de colher).

12h10, e somos apenas seis na portaria. Oito, se contarmos a poodle Penélope e o caramelo Tião. Na condição de solteiros desgarrados sem filhos, já havíamos feito nossa parte: enchemos a geladeira do salão de festas com pepsis e cocas, contribuímos com uma grana para a decoração com bandeirinhas e toalhas roxas e laranjas, algodão pelas paredes imitando teias de aranha (com direito a espécimes de plástico enroscadas nas pelotas) e bonecos horripilantes.

Participar já é pedir demais.

Os docinhos esperavam pelas crianças nas cozinhas, e as portas de serviço já estavam enfeitadas com vassouras decoradas. Sim, o síndico só permite que as crianças batam em portas cujos moradores topem brincar. Elas obedecem direitinho. São uns amores. Ou sabem que uma molecagem fora do roteiro implica em não ter festa no ano que vem.

Ontem, passei umas boas horas no bolacheiro da esquina tentando escolher algo não muito venenoso – hoje em dia, a indústria de doces se supera: consegue fazer chiclete preto e bala que deixa a boca azul. Saí com um montão de pacotinhos de balas de goma e com a consciência pesada por incentivar o consumo infantil de drogas lícitas.

Prontos para curtir a tarde de sol, sem combinar, descemos todos de preto. Uso um vestidinho e chapéu de bruxa. Laura, de saião comprido e camiseta, traz chifrinhos na cabeça. Carlitos e Nilsinho, de bermudas meio rasgadas; Íris, de abrigo preto e roxo; Denise, de camisa laranja e jeans preto. Tião está elegantíssimo, com uma bandana roxa

de bolinhas azuis claras no pescoço peludo, e Pen ostenta fitinhas lilases na pelagem branquela da cabeça.

Domingo de Mixtura Criativa, nem tentamos escolher o bar. Descemos direto para a Rua Áurea, cuja loja coletiva fecha o quarteirão umas três ou quatro vezes por ano para uma alegre festa de rua. Seus artesãos montam barraquinhas para vender suas peças; os bares da região também comercializam bebidas e comidinhas na calçada; os músicos locais fazem jam sessions, numa explosão de cores, sons e sabores, uma delícia. O cartaz pintado no poste, que permanece há anos, resume o espírito do evento: “Vida longa aos intensos”.

Certamente, os produtos da vez são comemorativos. Bruxinhas e monstros de resina colorida; pedras brasileiras de mil tons em forma de pingentes mágicos, que prometem fortuna e boa sorte; anéis, brincos e colares em metais distorcidos; presilhas e fitas imitando tranças e vassouras; mandalas de cristais penduradas por fios de pesca, dançando ao sol... Também não faltam os artigos de sempre: aquarelas, paninhos pintadinhos, camisetas estampadas, quadrinhos bordados, bolsas de pano em patchwork, canecas com frases engraçadas. Até o ano passado, minha escola de alquimia vendia florais na porta, mas o “bruxo da Rua Áurea” se mudou da Vila Mariana para Pinheiros.

Carlitos nos serve copos de acrílico geladíssimos. Aceitamos de bom grado o chopp escuro e amargo, brindando às fadinhas do bem e amaldiçoando os magos do mal.

Depois de um tempo zanzando por ali, os pets estão nitidamente cansados, até um pouco irritados com tanto barulho. Íris e Nilsinho os levam de volta. Sentados no meio-fio, com um pratinho de cacio e pepe e outro de hamburguinhos nas mãos, compartilhamos um almoço tardio e improvisado, enquanto pensamos na próxima aventura — ainda nos resta alguma energia. Denise sugere uma visita ao Museu de Magia e Bruxaria, algumas quadras acima, e lá vamos nós conhecer o acervo, que exhibe uma impressionante variedade de artefatos, como varinhas, chapéus, punhais, vassouras e caldeirões. Divertidíssimo! O programa veio mesmo a calhar. O tal museu nasceu para contar a história da magia ao longo dos séculos ao redor do mundo, especialmente a seita mais popular, a Wicca, com vasto material didático e até uma linha do tempo, mas nós só conseguimos lembrar – e brincar – de Harry Potter!

19h, hora de voltar para casa, distribuir os doces. Edson, o porteiro da noite, faz a brincadeira de sempre quando chegamos em grupo. Ele sabe de onde viemos e o que fizemos e nos impõe o “teste do quatro” para podermos entrar. Pagamos o pedágio estoicamente, nos equilibrando com um pé só, o outro cruzado à altura dos joelhos, posando humildemente aos seus olhos divertidos.

Começando a nos apoiar uns nos outros, ele nos deixa entrar, justamente no momento em que a criançada, toda fantasiada e espetacularmente pintada como bruxas, fantasmas, caveiras e monstrenhos, já começa a se empilhar na frente dos elevadores para o gran finale. Eu e Laura, moradoras do mesmo bloco, dividimos o elevador com um espantalho, duas Wandinhas gêmeas, um esqueleto e um diabo, que apertam o botão do vigésimo andar. Como todos os outros, vão descer pelas escadas, batendo nas portas envassouradas. Várias vezes. Gostosuras ou travessuras?

22h, sem alminhas penadas na porta, finalmente entro no chuveiro. Saio com o som da campainha. Será que este ano a festa vai passar do horário permitido? Atendo já me desculpando pela falta de doces e me deparo com Roger, o divorciado do 32, enrolado na capa de Drácula do filho pré-adolescente, empunhando uma garrafa de vinho.

— Gostosuras e travessuras, princesa?





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# **DORA**

## **POR AMILTON CONTÉ**

Nasceu em Bissau, capital da Guiné-Bissau. Passou a infância em África e imigrou para Portugal, em 1999, em busca de melhores condições de vida. Vive há 14 anos no Luxemburgo.

Desde sempre escreveu como forma de ocupar o seu tempo livre. Começou a escrever aos 18 anos, mas encontrou grande dificuldade para editar os seus livros, o que só foi possível quando já tinha 40 anos.

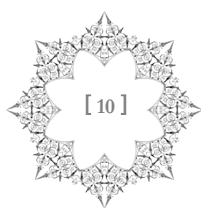
Obras publicadas:

- 2022 - As Magoas que Magoam
- 2023 - 50 Vidas: Silêncio das Almas Perdidas
- 2024 - Eu, o Poeta
- 2024 - Antologia (Contos e Histórias Daqui e do Além)
- 2025 - Amor Sublimado dum Poeta - Antologia
- 2025 - Minha História para o Mundo
- 2025 - Mistérios: Contos e Poemas - Vol. III
- 2025 - Cartografia dos Afetos: Amor é um Ato Político

Homenagens:

- 2022 - Gala de Homenagem, II edição No Sta Djunto
- 2025 - Prêmio Literário Internacional Suisse Excellence
- 2025 - Homenagem por Mérito - Prêmio Afro Events Luxemburgo

– Aqui estou, sentada em multidão que me cabe em sorte dolorosa, mergulhada em tristeza, com a gota da chuva humana vagueando pela face, no desgosto de adeus do filho da minha mãe. Todos estão aí, debruçados no ego que rege o arrependimento que se manifesta do nosso pecado e cujo começo culmina no desfecho do terceiro. A morte que veio conceder arrependimento a essa gente, nas lamentações de hipocrisia que da aparência floresce. Generoso coração que acoita a morte mendiga, desamparada nas trevas, sem amparo e amigos capazes de lhe estender a mão. Devastada a nossa progenitora, em inconformidade, desapontada com a perda, que por esse mundo fora espaiar com o meu mano. E eu!... Nessa dor indesejada do tamanho do mundo, que veio narrar esse amor que em mim permaneceu em silêncio por tempo incontável. Nos poucos que me restam e em muitos se manifestam, nos sentimentos que fazem pensar no passado feliz, que marca o presente em desgosto infinito. Lá vai você, meu irmão, para junto dos pais, vagueando pelo limbo com a desgraça dessa multidão nas mãos, nas lágrimas choradas na melancolia e sem saber aonde o destino o levará. Nesse luto do tamanho infinito do adeus, que abraça essa multidão em lágrimas, que sepultam o fim dos seus pecados e o começo daqueles que por cá permaneceram. Assim, fechou o seu diário da vida, deixando imensa mágoa para aqueles que o levam no peito. Adeus, meu irmão.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# ***A BRUXA QUE PLANTAVA LUZ***

**POR CÉLIA LOPES**

Célia Lopes é escritora independente, movida pela sensibilidade e pela escuta do cotidiano.

Seus textos transitam entre poesia, conto e reflexões existenciais.

Explora temas como ausência, memória, afetos e as complexidades humanas.

Sua escrita carrega delicadeza, intensidade e um olhar atento às sutilezas da vida.

Participa de antologias literárias, consolidando sua presença no cenário contemporâneo.

Acredita na palavra como ponte entre silêncios e reencontros.

Escreve para tocar, provocar e permanecer.

Dizem que ela mora  
onde o vento esquece o caminho,  
mas isso não é verdade —  
é o vento que vai até ela  
para ouvir suas histórias.

A bruxa não tem verrugas,  
tem sardas de sol.  
Não carrega sombras nos bolsos,  
mas sementes de girassol  
que espalha distraída  
por onde passa.

Seu caldeirão  
não ferve sustos —  
cozinha chá de coragem  
com gosto de infância  
e um leve toque de riso.

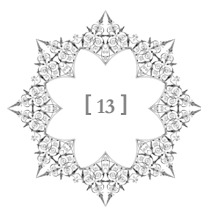
As crianças da vila  
não correm dela,  
correm até ela,  
porque sabem:  
é ali que os medos  
viram borboletas  
e aprendem a voar.

Seu gato não é presságio,  
é noite macia,  
dessas que acolhem  
os sonhos cansados.

E quando a lua surge,  
ela não conjura feitiços —  
ela dança,  
descalça,  
como quem conversa  
com o silêncio.

Dizem que é bruxa...  
mas ninguém percebeu:  
ela apenas desaprendeu o medo

e passou a ensinar  
o mundo  
a ser leve.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# **LAGARTIXA FEITICEIRA**

**POR FLAVIA FELIX**

**Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.**

**é mais fácil errar a declinação de teu canto em latim, do que com tua mão causar a calamidade de um erro por incompreensão**

“Para, olha, escuta” (...)

Gloria maris defensoris

Terram et aquam

Vita laboris amparum

In stelum desiderum vaticinas

Maris aquam salietur

Coque lacrima

Pro infâmia hominis

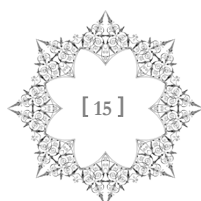
Propositum venenum

Espiritum in vaporis

Destinum incertum

“ainda serei como um Dragão de Cômodo”

**basta ser cigana lagartixa, para cantar em latim, sem precisar declinar perfeitamente**





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# **SORTILÉGIOS À BEIRA DO LAGO**

**POR GUILHERME HERNANDEZ FILHO**

**Guilherme Hernandez Filho, nascido em São Paulo, em 01/06/1947. Engenheiro eletrônico, pela Universidade Mackenzie. Pós-graduado em Administração de Empresas, pela Fundação Getúlio Vargas. Foi executivo de grandes empresas nacionais e multinacionais. Aposentado, é Conciliador Certificado pelo TJSP. Começou a escrever literatura em 2013 e vem sendo premiado e publicado em vários concursos nacionais e internacionais.**

Emma, portadora de grandes olhos azuis, loira original, nos seus trinta e poucos anos, mudou-se para o condomínio naquela pequena cidade, em pleno outono daquele ano. Local fechado, com uma centena de belas casas, boa parte delas margeando um lindo lago, onde patos e cisnes viviam tranquilamente. A casa já fora habitada e havia sido vendida recentemente.

Sua mudança chamou a atenção de alguns moradores próximos. O casal vizinho achou que seria simpático ir visitá-la e dar-lhe as boas-vindas. Zoe e o marido, Carlos, no dia seguinte, pela manhã, a viram no jardim e foram se apresentar.

A nova moradora mostrou-se simpática, convidou-os a entrar e ofereceu fazer um amistoso café, típico do comportamento brasileiro. O perfume do café alegrou o ambiente.

Trocaram amenidades por cerca de meia hora, quando pediu desculpas, mas teria que sair. Ia buscar seu gato, Alecto, que havia ficado ainda no endereço anterior. Explicou que adorava gatos e não podia deixá-lo longe por tanto tempo.

Carlos e Zoe não puderam deixar de notar alguns estranhos objetos na decoração da sala. Já em casa, comentaram sobre isto.

Emma pegou seu carro e saiu. Pensou em como Carlos parecia ser um homem agradável, além de ter uma excelente aparência. Foi dirigindo e pensando no assunto.

Logo, a nova moradora despertou nos moradores do pedaço uma curiosidade natural. Uma bela moça, morando sozinha, com seu gato e hábitos um tanto estranhos, como sair para o jardim tarde da noite e ficar olhando a lua, enquanto parecia caminhar e falar como se fosse uma reza.

Alguns dias depois, Carlos saiu para uma caminhada em torno do lago e, após algumas voltas, Emma surgiu e acelerou seu passo, alcançando-o e passando a caminhar junto dele. Ele mostrou-se receptivo, e foram conversando enquanto andavam. Ela usava um perfume que Carlos notou e elogiou. Ela disse que era feito por ela mesma e que era o seu preferido. Falou como gostava das coisas da natureza, com as quais tinha uma grande integração.

No dia seguinte, novamente voltaram a se encontrar na caminhada em torno do lago, e Emma trouxe um pequeno ramo de uma folhagem, que deu a Carlos para que colocasse em meio às suas coisas pessoais, para trazer-lhe sorte. Disse que entendia disto e fazia questão que ele aceitasse.

Não comentou nada com Zoe sobre isto, mas apenas que tinham caminhado mais uma vez juntos. Ela não se mostrou preocupada, mas ficou com uma pontinha de ciúmes.

Comentou pelo WhatsApp com sua melhor amiga, Charlotte, que sugeriu vir conhecer e saber o que estava acontecendo.

No sábado, veio visitar o casal. Procurou observar a vizinha. Sugeriu que convidasse Emma para vir tomar um café, a pretexto de conhecer sua grande amiga.

Em meia hora, ela veio, acompanhada de Alecto. Este, quando chegou próximo, Charlotte se arrepiou, como o fazem em momentos de fúria, arreganhando os dentes para ela. Sem dúvida, havia uma incompatibilidade. Emma percebeu que Charlotte também tinha qualidades perceptivas como as suas e conhecimentos das coisas da natureza.

As duas podiam ser chamadas de bruxas, sem erro. Cada qual à sua maneira e com suas ferramentas.

Charlotte também percebeu de imediato que Emma estava fazendo algum encantamento para Carlos. O encontro acabou por ali.

Depois que Emma se foi, Charlotte teve uma conversa em particular com Zoe e se propôs a desenvolver algum trabalho de contra-feitiço, para bloquear o que quer que Emma estivesse fazendo.

Aquela noite trovejou muito, e raios iluminaram as casas, que acabaram ficando sem energia elétrica. Lanternas eram vistas em várias casas. Na sala de Emma, havia um brilho mais forte, como se ali houvesse uma fonte de algo sobrenatural.

Zoe teve pesadelos naquela noite. Carlos dormiu profundamente.

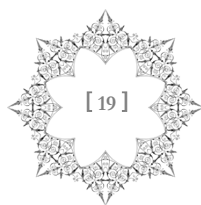
No dia seguinte, Charlotte chegou logo cedo, trazendo uma cesta com alguns objetos e um chá para Carlos. Ele não quis ser descortês e tomou um pouco dele. Os objetos Charlotte passou para Zoe privadamente, orientando onde deveria colocá-los. Coisas que deveriam ficar próximas dos objetos pessoais de Carlos.

À medida que as semanas foram passando, cada uma fazia seus sortilégios, tentando atingir seus objetivos.

O desgaste se produziu rapidamente, e as partes tomaram consciência de que eram duas contendoras equivalentes.

Carlos se manteve fiel à Zoe, que pôde ficar tranquila. Emma desistiu do que seria a aventura de roubá-lo. Charlotte manteve-se como amiga protetora.

Embora esta disputa tivesse se encerrado, ficaram na memória dos moradores os ecos dos rituais excêntricos de Emma, nas noites de lua, e que, às vezes, se repetem.





A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# **BRUXARIA**

**POR MARILU F QUEIROZ**

**Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.**

**Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália.**

**Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.**

**Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.**

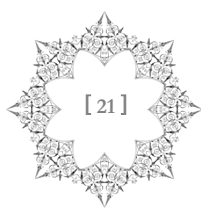
Na floresta, oculta pela névoa densa,  
ergue-se a morada da bruxa malvada.  
As árvores antigas, de presença imensa,  
são velho refúgio de mistério na estrada.

Ao nos aproximarmos, somos observados,  
um frio na espinha, nossos pelos se erguem.  
A presença dela é sempre muito palpável,  
a energia oscila entre o medo e a coragem.

Dentro, o aroma doce de ervas e resinas,  
misturam-se ao calor de um fogo eterno.  
O som suave do caldeirão sempre fascina,  
invoca visões de idos tempos no inverno.

Seus olhos, duas chamas que tudo veem,  
encaram-nos com toda sabedoria ancestral.  
Cada palavra sua é o feitiço que sempre vem,  
tocando no fundo de nossas almas, afinal.

Ao deixarmos sua casa, levamos algo novo,  
um conhecimento que não se pode explicar.  
A bruxa transforma em silêncio todo o povo,  
deixa em nós um rastro de encanto milenar.





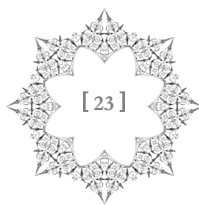
A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# **TERRA DO DESESPERO**

**POR SELMA LUANNY**

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

As crianças assustadas choram  
os restritos idosos não descansam  
os animais no desentendimento sofrem:  
- os cães latem para não sucumbirem  
os gatos fogem e se escondem  
os pássaros tentam reclamar e voam -  
e os desgostosos se enervam.  
Em meio ao descontrolado proceder  
nada se ganha  
os espíritos em outras dimensões  
não se alegram nem se entristecem  
com matéria em ebulição  
e estas humanas artimanhas  
ao realizador ao próprio ludibrium  
e aos demais torna a vida miserável.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# ***BRUXA INVISÍVEL***

**POR SELMA LUANNY**

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

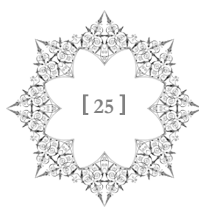
Muitas vezes, o turbilhão sem  
pestanear, se anuncia do nada.  
Como se, pela precisão,  
antecipadamente planejado.

Mas não houve sinais nem  
sintomas para que se possa  
atestar prematura veracidade.  
A bruxa é invisível... certeza!

Esta entidade imaterial  
que poder e força aparenta...  
dribla barreiras neurológicas  
e tece o inimaginável.

Torna insuportáveis os dias.  
Transforma decisões em  
catástrofes... e tudo definha  
quer faça sol ou chuva, ou meio.

O maquiavélico a detonar o feito...  
E eu pergunto-me desde quando  
ao vento a projetar ruídos antes  
não notados, tão suscetível fiquei?





A P R E S E N T A M O S   O   C O N T O

# ***A RAINHA DA CASA DOS DOCES***

**POR SERGIO CORDEIRO**

Formado em Letras/Latim pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro com Especialização em Língua Latina, Estudos de Língua Latina, Literatura Infantil, Literatura Latina, Africana e Indígena. Escritor (nas horas vagas) de contos fantásticos, distópicos, futuristas e de suspense.

Era uma vez uma linda vila, Dulquia, num lugar muito distante de um reino esquecido pelo tempo. Ela ficava perto de uma grande floresta, com árvores tão antigas quanto os homens. Mesmo sendo num lugar tão distante, a vila era muito próspera.

Nessa vila, eram feitos os doces mais gostosos que alguém pudesse fazer ou imaginar. De cores e tamanhos variados, essas iguarias serviam aos paladares mais exigentes do reino. Em belas cestas de palha, eram levados por belas carroças vermelhas, com robustos cavalos, para todas as regiões que conheciam o famoso sabor.

Num belo dia de sol, um homem chegou à vila, vindo a pé pela estrada. Os olhos dele eram tristes, assim como as roupas rasgadas e sujas. Estava parado na entrada da vila. Os moradores olhavam para ele com medo.

Então, o chefe da vila foi avisado da presença do estranho homem. Preocupado com a segurança de todos os moradores e do lugar, foi rapidamente encontrar a misteriosa pessoa que permanecia às portas da vila. Consigo, levava uma afiada lança, por precaução.

— Olá! Está perdido? — perguntou o chefe da vila, curioso.

— Eu moro aqui. Sou Afonso, filho de Maria. Voltei da guerra dos reinos.

— Você voltou, Afonso! Que dia feliz!

Andando pela vila, Afonso via um lugar diferente de quando vivera lá. Sorrisos e risadas estavam em todos os cantos. Achava boa a mudança, porque essa é uma das marcas da prosperidade.

— A nossa vila parece tão diferente. Tínhamos uma vida bem humilde, mas agora parece bem diferente. O que aconteceu por aqui?

— Depois que você e os outros rapazes tiveram que partir, ficou mais difícil a nossa vida. Mas aí veio uma mulher, seu nome, Dália. Ela comprou o velho moinho e depois ergueu uma bela e grande casa em cima de uma enorme pedra. E, nesse lugar, são feitos os melhores e mais deliciosos doces do reino.

— Todos trabalham lá?

— Não, mas a boa senhora ajuda todos. Somos abençoados por ter tão bondosa mulher aqui.

Após a resposta, algumas crianças passaram correndo por eles. Gritos de alegria e sorrisos enchiam o ar com a beleza da infância. Ao chegar em sua casa, Afonso foi recebido por sua mãe, com lágrimas nos olhos. Ela esperava ansiosa pelo retorno do filho convocado para a guerra.

— Meu filho querido! Minhas orações foram atendidas. Você voltou!

— Não chore, mãe! Agora está tudo bem! Onde está minha irmã querida?

— A tristeza caiu sobre nossa humilde casa. Ela foi pegar madeira na floresta e, desde ontem, não voltou mais. O destino deu com uma mão e tirou com a outra. Pensei que ficaria sozinha com as galinhas que criamos.

— Todos nós procuramos por ela. Tentamos tudo — disse o chefe da vila.

— Vou agora mesmo procurar por ela.

— Você precisa descansar, meu filho! Levou dias para voltar para casa — disse a mãe, preocupada.

— Estou bem. Dê-me pão e água, pois irei agora.

Afonso pegou sua espada e partiu em direção à antiga floresta que fazia fronteira com a vila. Antes da guerra, que retirou alguns anos de sua vida, ele era caçador por necessidade. Tudo começou com a chegada de uma grande carroça que viera de longe para recolher os mais jovens e robustos rapazes das diversas regiões do reino para lutar numa guerra que ninguém conhecia.

Seguindo a trilha que qualquer caçador poderia encontrar, Afonso andou pela floresta que conhecia desde menino e sentiu medo, porque não a conhecia mais: algo havia mudado ali. Mesmo de dia, as gigantescas árvores e toda a vegetação se mostravam ameaçadoras, num cenário escuro e frio.

Afonso não sabia o quanto tinha percorrido ou quanto tempo tinha passado, até que chegou a um lindo jardim. Havia ali flores de várias cores, como um arco-íris que podia tocar. Andando um pouco mais, havia brinquedos para meninos e meninas, todos bem

bonitos. Sem perceber, Afonso estava diante de uma bela e majestosa casa. O telhado era vermelho, as paredes amarelas, as janelas verdes, a porta azul-claro como o céu num dia bonito.

Como não estava trancada, Afonso abriu a porta e viu que não tinha ninguém. Dentro da casa, era tudo bem limpo e organizado. Havia uma mobília que poderia acomodar tanto um corpo adulto quanto infantil. Até que uma voz o chamou.

— Olá, Afonso! — disse uma voz bem suave, vinda de uma cadeira de balanço.

— Quem é você e como chegou aqui? Fale a verdade — disse Afonso, valente e confiante.

— Eu não posso mentir, meu menino! Eu sempre estive aqui. Eu faço doces. Agora sabe quem eu sou?

Era uma mulher de longos cabelos castanhos bem claros; a luz da lamparina reluzia os fios prateados que a idade trazia às mechas. As grandes lentes dos óculos realçavam os olhos atentos ao homem presente. Um vestido cobria a maior parte de seu corpo, deixando apenas os braços, o pescoço e a cabeça. A pele das partes desnudas aparentava uma jovialidade estranha, como uma farinha que cobre um pão ou açúcar em cima de um doce. Afonso lembrava das palavras do chefe da vila.

— A senhora deve ser Dália. Viu minha irmã por aí?

— Não tem ninguém aqui.

— Então por que tem brinquedos lá fora? Parece ser um lugar para crianças.

— Você faz muitas perguntas. Uma qualidade de um homem sábio.

— Não sou sábio, sou apenas um homem procurando a família. A senhora parece saber muitas coisas por aqui, então sabe que não se deve ficar sozinha em lugares perigosos, a menos que a senhora seja a ameaça.

— Você está certo, eu sou bruxa — disse a bela senhora, balançando a cadeira.

— As histórias dizem que as bruxas são feias.

— Oh, meu valente e sábio guerreiro! Se eu faço meus doces belos, por que eu não poderia ser bela? Ninguém gosta da feiura. O que é bom é belo. Há muito tempo, uma irmã caiu numa artimanha de crianças. Vivia isolada, com medo de tudo e todos. Precisamos mudar junto com o mundo.

— Onde está a minha irmã?

— Eu dou ao mundo aquilo que ele precisa. Se eu for embora, a vila será levada à ruína. Eu cuido de todos, e alguns devem pagar o preço. Você deveria saber disso. Você viveu isso, sentindo na carne, tudo diante de seus olhos.

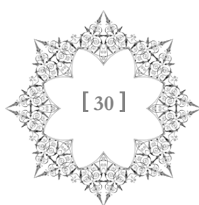
A mão de Afonso segurava o cabo da espada, ainda na cintura. Ali, lembrou da alegria de todos na vila, mas também lembrou do rosto de sua irmã. Desembainhada, a espada reluzia sob a luz da casa e, com força, foi ao chão.

Alguns dias depois, numa manhã de calor suave, um homem com uma poderosa armadura prateada protegia as portas da magnífica casa da bondosa senhora que cuida de todos na vila.

— Bom dia, Afonso!

— Bom dia, minha senhora!

O leve calor da manhã deixava o rosto molhado pelo peso da armadura. Todos estavam contentes pelo belo dia que começava. Foi então que notaram o novo trabalhador na porta da boa senhora, que ajudava a todos. Ninguém poderia diferenciar se era suor ou lágrima na face do novo guarda da vila. Porque todos devem contribuir para a felicidade e crescimento da vila de Dulquia. E viveram felizes para sempre.



CONHEÇA OUTROS  
**TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO  
**CONEXÃO LITERATURA**



TENHA ACESSO  
AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO:

**CLIQUE AQUI**



FIQUE POR DENTRO DO  
**MUNDO DOS LIVROS!**



VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)



CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)



SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)



INSCREVA-SE:  
[WWW.YOUTUBE.COM/  
CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)



E-MAIL:  
[ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.  
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO:**

**CLIQUE AQUI**